



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
Av. Fernando Ferrari, 514 - Vitória – ES – CEP: 29.075-910  
Campus de Goiabeiras  
Tel: +55 (27) 3335-2324 / Ramal \*5254  
E-mail: [ppghis.ufes@hotmail.com](mailto:ppghis.ufes@hotmail.com)  
<http://www.historia.ufes.br>



**PROCESSO SELETIVO 2022/1**  
**CURSO DE MESTRADO EM HISTÓRIA – PPGHIS/UFES**  
**CHAVE DE CORREÇÃO DA PROVA ESCRITA DE CONTEÚDO**

Questão 1 – Se os acontecimentos de fevereiro de 1917, na Rússia, são considerados como uma *revolução* de uma maneira unânime pelos historiadores destes acontecimentos, o mesmo não acontece com os acontecimentos de outubro deste mesmo ano. Richard Pipes e Erich J. Hobsbawm, por exemplo, têm visões diametralmente opostas quando analisam os acontecimentos de outubro de 1917. Analise as visões desses dois historiadores a respeito destes acontecimentos.

**Chave de Correção:**

- 1) Questão central a ser abordada: golpe de estado (Pipes), revolução (Hobsbawm);
- 2) Pipes afirma que “Outubro” foi resultado de uma “Conspiração altamente organizada” e um clássico “golpe de estado”;
- 3) Segundo o mesmo autor, duas fases caracterizam esta conspiração: 1) a primeira fase visava reproduzir os acontecimentos de fevereiro e tentar derrubar o governo com manifestações de rua. Isto foi tentado em setembro e falhou; 2) a segunda fase foi desencadeada em outubro, quando as forças militares bolcheviques tiveram sucesso em golpear o Governo Provisório;
- 4) Em contraste com as interpretações de Pipes, Hobsbawm afirma que os bolcheviques se tornaram maioria nas grandes cidades, assim como ganharam terreno no exército, o que tornou a existência do Governo Provisório “irreal”;
- 5) O partido bolchevique estava diante de um Governo Provisório cada vez mais fragilizado, como ficou claro com a tentativa de golpe do general Kornilov, e com sua base cada vez mais insatisfeita e radicalizada. Assim sendo, o poder, em outubro, “foi mais que tomado, foi colhido”.

Questão 2 – Em sua obra **A MÃO DO AUTOR E A MENTE DO EDITOR**, Roger Chartier destaca que “a palavra impressa não era destituída de poderes. Mas deveriam esses poderes ser atribuídos às possibilidades abertas pela invenção técnica ou à construção social e cultural do crédito a eles concedido?” (CHARTIER, 2014, p.115). Disserte sobre citação acima, apontando os argumentos utilizados pelo autor para reavaliar o significado atribuído ao advento da revolução imprensa, a partir do século



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
Av. Fernando Ferrari, 514 - Vitória – ES – CEP: 29.075-910  
Campus de Goiabeiras  
Tel: +55 (27) 3335-2324 / Ramal \*5254  
E-mail: [ppghis.ufes@hotmail.com](mailto:ppghis.ufes@hotmail.com)  
<http://www.historia.ufes.br>



**PROCESSO SELETIVO 2022/1**  
**CURSO DE MESTRADO EM HISTÓRIA – PPGHIS/UFES**  
**CHAVE DE CORREÇÃO DA PROVA ESCRITA DE CONTEÚDO**

XV, indicando as razões e comprovações que o permitem reformular a ideia de oposição entre “cultura impressa” e “cultural escríbal”. Na mesma questão, destaque as justificativas que embasam a reflexão de Chartier sobre a necessidade de não se criar uma identificação entre a impressão e o livro.

**Chave de Correção:**

- 1) A interpretação historiográfica acerca da oposição entre “cultura impressa” e “cultura escríbal” elaborada por Elizabeth Eisenstein e a reformulação proposta por Donald Mckenzie sobre o impacto dos impressos, indicando a permanência dos manuscritos;
- 2) A reavaliação sobre a expansão da expansão dos impressos na Europa moderna;
- 3) Os fatores e indicadores da relativização da revolução impressa: Ex. menor custo, ausência de censura, circulação limitada, possibilidade de acréscimos e revisões (p.105);
- 4) O vigor da produção e uso dos manuscritos em meio ao período da impressão (séc. XVI ao XVIII);
- 5) A coexistência da cultura escrita e impressa, sobretudo até o século XVIII;
- 6) A interação entre leitores e os textos impressos e manuscritos e as especificidades de cada forma de transmissão textual;
- 7) A difusão controlada e razões da permanência das cópias manuscritas;
- 8) A difusão da imprensa e o fortalecimento das formas de escrever;
- 9) A Advertência de que o livro não está diretamente ligado à revolução impressa, sendo seu advento em período bem anterior.

3 – Em *A história ou a leitura do tempo*, Chartier (2009, p.14-15) indica Koselleck, assim como De Certeau, como um autor “atento às propriedades formais do discurso histórico, colocado e diferenciado dentro da classe dos relatos”. De fato, Koselleck se mostra atento às mudanças a que as palavras e as suas formulações são submetidas no decorrer do tempo, com especial cuidado com aquelas vinculadas ao campo da historiografia, tais como a expressão *historia magistra vitae*, discutida por este último autor em sua obra *Futuro Passado* (2006). Como Koselleck justifica a permanência dessa expressão como válida para explicar os relatos do passado, desde a Antiguidade até o século XVIII, e como Chartier descreve as mudanças mais recentes no campo da



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
Av. Fernando Ferrari, 514 - Vitória – ES – CEP: 29.075-910  
Campus de Goiabeiras  
Tel: +55 (27) 3335-2324 / Ramal \*5254  
E-mail: [ppghis.ufes@hotmail.com](mailto:ppghis.ufes@hotmail.com)  
<http://www.historia.ufes.br>



**PROCESSO SELETIVO 2022/1**  
**CURSO DE MESTRADO EM HISTÓRIA – PPGHIS/UFES**  
**CHAVE DE CORREÇÃO DA PROVA ESCRITA DE CONTEÚDO**

História, que se afastam dessas bases estabelecidas no XVIII, em especial no que se refere à exclusividade do discurso histórico como relato do passado?

**Chave de Correção:**

Espera-se que o candidato seja capaz de desenvolver um pequeno texto em que toque nos seguintes pontos, essenciais às duas obras citadas:

- 1) Que a permanência da expressão *historia magistra vitae* não corresponde a uma permanência do sentido (“Embora tenha conservado sua forma verbal, o valor semântico de nossa fórmula variou consideravelmente ao longo do tempo.” Koselleck, 2006, p.42). A permanência dessa expressão atesta sua flexibilidade e capacidade de representar múltiplos sentidos (“Ela alude em primeiro lugar à flexibilidade da formulação, a qual permite, por sua vez, as mais diferentes conclusões sobre seu significado.” Koselleck, 2006, p.42).
- 2) Que a longevidade da expressão caracteriza de fato a crença em um *continuum* humano de validade geral que embasava uma semelhança potencial entre todos os seres humanos (Koselleck, 2006, p.43). Essa crença oriunda da Antiguidade foi interpretada pelos pensadores cristãos e legitimada por homens como Isidoro e Beda (Koselleck, 2006, p.44) e chega às portas da modernidade com Melanchton e Maquiavel (Koselleck, 2006, p.45)
- 3) Que o esvaziamento desse topos se dá a partir do século XVIII, junto com uma série de mudanças intelectuais que deságuam no estabelecimento da História como *Geschichte* (Koselleck, 2006, p.50) e, por fim, na separação de um tipo de relato historiográfico próprio e separado dos relatos poéticos ou literários, relegados a um plano do não-histórico enquanto relatos (Koselleck, 2006, p.52)
- 4) Que, vigente entre os séculos XVIII e XX, nos fins deste último esta separação entre o relato ficcional inverídico e o historiográfico verídico foi posta em cheque por autores como Hayden White (Chartier, 2009, p.11-13)
- 5) Que o debate historiográfico nosso contemporâneo tende a modalizar de diferentes maneiras a relação entre o relato histórico e outros tipos de discurso, entendendo que há possibilidades históricas em outras formas discursivas (“os historiadores sabem que o conhecimento que produzem não é mais que uma das modalidades da relação que as sociedades mantêm com o passado”, Chartier, 2009, p.21)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
Av. Fernando Ferrari, 514 - Vitória – ES – CEP: 29.075-910  
Campus de Goiabeiras  
Tel: +55 (27) 3335-2324 / Ramal \*5254  
E-mail: [ppghis.ufes@hotmail.com](mailto:ppghis.ufes@hotmail.com)  
<http://www.historia.ufes.br>



**PROCESSO SELETIVO 2022/1**  
**CURSO DE MESTRADO EM HISTÓRIA – PPGHIS/UFES**  
**CHAVE DE CORREÇÃO DA PROVA ESCRITA DE CONTEÚDO**

4 – “Tornou-se consensual entre os capixabas a opinião segundo a qual o Espírito Santo, por suas próprias características socioeconômicas, não acompanhou o dinamismo da Região Sudeste, mantendo, até meados do século XX, suas tendências de desenvolvimento tardio e retardatário. Do mesmo modo, em decorrência de sua suposta inexpressiva força política e econômica entre as três grandes potências da Região Sudeste, onde se encontra encravado, o estado passava despercebido no grande mapa do Brasil, além de ser alijado das mais importantes decisões políticas e econômicas nacionais”.

Tal consenso, no decorrer do tempo, converteu-se em uma narrativa histórica, que foi sedimentada no imaginário dos capixabas, e amplamente instrumentalizado pelas elites, incluindo as do tempo presente, na lógica da noção dos “usos políticos do passado”. Essa é a constatação do historiador Rafael Cerqueira do Nascimento (2018). Diante de tal premissa, apresente os principais elementos e discorra sobre **Narrativa histórica da superação do atraso**, e o modo como tal narrativa foi e é instrumentalizada por determinados segmentos de elite e/ou personalidades do Espírito Santo ao longo do tempo, com vistas a atingir determinados objetivos políticos, bem como implementar determinados projetos de desenvolvimento.

**Chave de Correção:**

O candidato deve abordar os seguintes pontos:

- 1) A **narrativa histórica da superação do atraso** tornou-se consensual entre os séculos XIX e XX, e adquiriu grande destaque no imaginário dos capixabas, em especial dos segmentos de elite que controlaram e que de certo modo ainda controlam os destinos o Estado ao longo dos últimos dois séculos, fornecendo o arcabouço a partir do qual são forjadas as ações práticas desses grupos em termos políticos, tanto em nível local, quanto nas reivindicações nacionais.
- 2) A **narrativa histórica da superação do atraso** é decorrente da representação que os capixabas fazem de si mesmos, e coloca o Espírito Santo como um estado satélite e, portanto, sem brilho próprio, incapaz de superar sua condição de



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
Av. Fernando Ferrari, 514 - Vitória – ES – CEP: 29.075-910  
Campus de Goiabeiras  
Tel: +55 (27) 3335-2324 / Ramal \*5254  
E-mail: [ppghis.ufes@hotmail.com](mailto:ppghis.ufes@hotmail.com)  
<http://www.historia.ufes.br>



**PROCESSO SELETIVO 2022/1**  
**CURSO DE MESTRADO EM HISTÓRIA – PPGHIS/UFES**  
**CHAVE DE CORREÇÃO DA PROVA ESCRITA DE CONTEÚDO**

fragilidade e atraso perante seus vizinhos, estrelas de primeira grandeza da federação.

- 3) O livro de Cerqueira expressa o primeiro grande esforço interpretativo historiográfico do Espírito Santo, no qual trata da fixação da referida narrativa nas obras de quatro exponenciais historiadores, sendo três clássicos, que podem ser compreendidos como memorialistas, no caso José Teixeira de Oliveira, Neida Lúcia de Moraes e Maria Stella Novaes, e um quarto, compreendido por Cerqueira como acadêmico, e responsável pela transposição da *narrativa histórica da superação do atraso* para o ambiente universitário do Estado, no caso Gabriel Bittencourt. Este seria, segundo o autor, a continuidade e ressignificação, em termos científicos, da primeira, sendo ambas enquadradas no arcabouço das noções de atraso *versus* superação.
- 4) Rafael Cerqueira analisa também o que chama de *narrativas críticas da história do Espírito Santo*, consubstanciadas em produção histórica mais recente, em especial no âmbito do PPGhis-Ufes.
- 5) Trata da maneira pela qual a narrativa histórica da superação do atraso é utilizada politicamente no tempo presente, dentro da discussão dos “usos políticos do passado”, fazendo especial alusão ao Governo Paulo Hartung (2003-2010 e 2014-2018), o governador contemporâneo que mais bem se apropria da noção de superação para legitimar o seu projeto de desenvolvimento que ele, Paulo Hartung, chama de *Terceiro Ciclo de Desenvolvimento* – ambos baseados na *Ong ES em Ação* – Plano de ação ES 2025.